

Turismo como ciência?

José Henrique Mourão
Docente do IS CET

Resumo

Considerar o turismo como uma ciência é conceber o fenómeno turístico na sua totalidade histórica, entendendo que a sua dimensão explicativa se configura no âmbito da economia, da política e da cultura de uma sociedade em particular e do mundo em geral. A ciência do turismo – turismologia – na sua essência, configura-se na preocupação que o fenómeno tem despertado junto dos investigadores, sociólogos, filósofos e historiadores, que realizaram uma produção considerável no campo da teoria da ciência.

Considerar o turismo como uma técnica é entendê-lo como um mero instrumento descaracterizado de qualquer referência histórica.

Abstract

Considering tourism as a science is to conceive the tourist phenomenon in its whole history. Its dimension could be explained within the economical, political and cultural approach of a society in particular and the world in general. Tourism science -“tourismology”, has been the essential preoccupation for many sociologists, philosophers and history researchers, who have produced considerable work on this science.

Considering tourism as a technique is to understand it as a simple instrument with no history references.

Palavras-chave: turismo, ciência, “turismologia”, investigação, técnica.

Keywords: tourism, science, “tourismology”, research, technique.

Nos quase 20 anos de ensino da disciplina de Introdução ao Turismo, em que tinha vindo a apresentar aos alunos o Turismo, enquanto matéria de estudo, como um campo do conhecimento pluridisciplinar, fui confrontado, em 2003, com a criação do doutoramento em “Ciência do Turismo” na instituição onde lecciono, facto que me gerou alguma perplexidade, embora na altura não tenha aprofundado a questão. Mais recentemente, com a criação da Associação Portuguesa de Turismologia, da qual faço parte, recorro ter enfrentado a discussão sobre as propostas de nome para a associação de forma um tanto leviana. Parece-me importante, por isso, tentar clarificar esta problemática. Não terei pretensão de assumir um papel de argumentador, mas sim de abordar alguns pensamentos que se ligam ao assunto.

A questão central deste trabalho, tem então que ver com a problemática de o turismo poder ou não ser considerado como ciência. Para o efeito foi consultada bibliografia tanto impressa como pela via electrónica. Passo assim a apresentar alguns aspectos conceptuais e certas argumentações com ela relacionadas.

A palavra ciência, proveniente do latim, significa conhecimento e pode definir-se como:

“conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objectividade que permitem a sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e, orientar a natureza e actividades humanas” (Bunge, 1972).

Margarida Barreto (2000), considera ciência:

“ a abordagem racional e sistematizada dos fenómenos observáveis. É um conjunto organizado de conhecimentos fundamentados, que são obtidos através de métodos específicos. Difere de outras abordagens dos fenómenos, porque procura explicações racionais. No entanto, a actividade científica não tem como objectivo básico descobrir

verdades ou ser uma compreensão plena da realidade”.

Na década de 90 do século passado, alguns autores defendiam que o turismo não deveria ser considerado uma ciência, entre eles Boullón (1990) que refere:

“a precisão , a ordem , e a relação lógica entre os conceitos básicos são pressupostos inevitáveis para que o pensamento possa elaborar outros conceitos derivados dos anteriores, que sejam mais específicos, de tal forma que o conjunto explique teoricamente algum facto da realidade”.

Segundo Boullón, as ideias que se desenvolvem no turismo, estão desligadas entre si, sobretudo aquelas que são geradas noutras disciplinas. Este autor afirma ainda que o turismo não nasceu de uma teoria, mas sim de uma realidade que surgiu espontaneamente e que se foi configurando sob o impacto das descobertas noutros campos; que não se desenvolveu graças à análise dos dados empíricos. Refere ainda que:

“(...) o turismo deve ser classificado como um saber que se encontra situa no âmbito do conhecimento natural das coisas, porque ao conhecimento natural pertencem os factos e procedimentos que o caracterizam e deverá ser estudado como um capítulo das ciências sociais e não como conhecimento autónomo”.

Paralelamente ao conceito de ciência existe o conceito de técnica que se define, também segundo Bullón (1990), como as formas e modelos de aplicação das descobertas da investigação científica. Acrescenta ainda o autor:

“ciência e tecnologia estão intimamente ligadas, pelo que se estabelece uma relação, mediante a qual se corrigem e se estimulam mutuamente”.

A este propósito, de acordo com as suas ideias, o sistema turístico opera com uma sucessão de técnicas que nasceram independentes da investigação científica, seja na hotelaria, nos estabelecimentos de comidas e bebidas, nos transportes ou nas agências de viagens, onde se realizam numerosas tarefas às

quais se aplicam diferentes tecnologias. Conclui que de uma forma geral se pode afirmar que o turismo está longe de ter elaborado uma tecnologia própria que abarque todo o fenómeno.

A literatura existente no campo do turismo discute a sua problemática predominantemente numa dimensão técnica, por ser uma actividade que está em constante desenvolvimento e na vanguarda económica. Esta percepção acaba na maioria dos cursos de turismo por se limitar a transmitir ao aluno uma visão tecnicista (Santos, 2005).

Mário Bunge (1972), na sua obra *“La ciencia, su método e su filosofía”* afirma:

“embora seja certo que nos dias primeiros de uma ciência, as teorias são com frequência o resultado de especulações individuais e possam ter um débil e escasso suporte nos dados empíricos, a teoria e a observação tornam-se cada vez mais estreitamente relacionadas à medida que a ciência se desenvolve. No estado actual das ciências sociais, a investigação e a teoria não estiveram sempre unidas e as teorias tendem a conter elementos especulativos que vão mais para além da evidência dos dados disponíveis”.

Sabemos que, tal como as ciências mais aceites na actualidade, o estudo do turismo tem também passado nas últimas décadas por um processo de desenvolvimento e consagração de teorias e que muito do conhecimento adquirido pode ser considerado como proveniente da pesquisa científica e dos seus métodos racionais aplicados à observação empírica. A realização das viagens que pode ser considerada como uma actividade de essência empírica, foi sempre comum à maioria dos povos do mundo, tendo, como factor motivacional essencial, a necessidade humana da deslocação.

Com o decorrer do tempo, a actividade turística começou a organizar-se e a desenvolver-se profissionalmente. O ser humano elevou os seus padrões de exigência e aumentou a procura por produtos e serviços de maneira mais massiva. Pelas necessidades crescentes do mercado, os profissionais

das diversas áreas das Ciências Sociais, como a Economia, a Geografia, entre outras, começaram a compreender a actividade turística e a ver nela a oportunidade de uma profissão e uma área do conhecimento muito vasta e promissora, apesar de só recentemente abordada e pesquisada com afincamento científico. O turismo como estudo e profissão é uma actividade relativamente recente. Entre as décadas de 70 e 80 foram surgindo, nos vários países, cursos de formação profissional; posteriormente foram criados outros, ao nível superior, e a sua procura tem oscilado em função do panorama social, político e económico dos países e a dimensão que o turismo tem vindo a representar para os mesmos. Estas características parecem criar melhores oportunidades para a relevância científica da actividade. O turismo poderá então passar a uma forma consistente de produção científica e a instrumento de desenvolvimento sustentável das regiões. Mas há que considerar que o turismo não possui um método científico próprio, o que gera polémicas causadas por opiniões divergentes, quanto à sua cientificidade. Os estudos realizados no turismo servem-se do seu carácter multidisciplinar, em virtude da sua ampla abrangência, o que possibilita a realização de pesquisas científicas com o respaldo dos métodos das outras ciências. Segundo Miranda (2007), fazer ciência no turismo como em toda a ciência,

“é um processo complexo, demorado e de difícil execução mas que traz benefícios em matéria de praticabilidade, transmissibilidade, verificabilidade, solidez e alcance.”

A questão do reconhecimento do turismo como campo disciplinar e autónomo foi relançada em 2000, através de um debate entre investigadores universitários e *experts* do turismo, em França, a propósito de um projecto de constituição de uma ciência do turismo ou turismologia que resultou numa polémica, em consequência da publicação de um artigo de Jean-Michel Hoerner¹ com o título

1 - Jean-Michel Hoerner- professor de Geopolítica e de Turismo na Faculdade Internacional de Desporto, Turismo e Hotelaria da Universidade de Perpignan- Via Domitia.

“Para o reconhecimento de uma ciência turística”². Na sequência deste artigo, Hoerner publica o “*Tratado de Turismologia*”. A ciência do turismo, defendida por este autor, foi posteriormente proclamada no fórum internacional de Marrakech da AMFORHT³, em Fevereiro de 2002.

Segundo Hoerner, a nova ciência turística estudará o que estiver relacionado com a viagem: a sua concepção, o surgimento no mercado, o seu desenvolvimento, as suas consequências, a indústria multiforme que desenvolve, o seu contexto social e cultural, as relações implícitas entre os visitantes e as sociedades visitadas. A turismologia será, por sua vez, uma ciência humana, de síntese, orientada para o estudo da viagem, no quadro da indústria, e aplicada às profissões do turismo e da hotelaria.

Hoerner revela assim um interesse em demarcar a nova ciência, em relação às outras Ciências Sociais e Humanas, ao declará-la uma ciência humana de síntese, identificando o seu objecto de estudo - a viagem - e o seu quadro de aplicação.

A proposta de Hoerner assenta em críticas acerca dos conceitos oficialmente aceites pela OMT, nomeadamente o facto de à turismologia interessar o turismo e não os visitantes, acabando por indicar que o campo desta ciência será tão vasto quanto o dos estudos conduzidos pelas diversas ciências como a Geografia, a Sociologia, a Economia, a Gestão, o Direito, a História...

Num jantar-debate ocorrido na AFEST⁴ em Julho de 2004, Hoerner defendeu a ciência do turismo em 5 pontos:

1. O turismo, como tantas outras, é uma ciência no cruzamento de outras ciências.
2. O turismo tem necessidade de quadros, o que implica a existência de professores que para manterem o nível das formações têm necessidade de investigação em turismo.

2 - Hoerner, “Pour la reconnaissance d’une science touristique”, revue *Espaces* nº173, 2000.

3 - AMFORHT- Associação Mundial para a Formação em Hotelaria e Turismo

4 - AFEST- Associação Francesa dos *Experts* e Cientistas do Turismo.

3. Os ganhos de produtividade no turismo são fracos. A investigação no turismo poderá atenuar esta fraqueza.
4. Os conceitos da OMT estão ultrapassados, em consequência das profundas mutações em curso e não existe qualquer investigação para as contestar. Afirma ainda a existência de baixa qualidade nas estatísticas da OMT.
5. Em França, como em muitos países do mundo, existem escassas possibilidades de ascensão na carreira académica do turismo, tendo de se recorrer à investigação noutras disciplinas. Em 2004 a Universidade de Perpignan, das mais conceituadas universidades em França no ensino do turismo e hotelaria, apenas concedia o título de doutoramento em turismo a cidadãos estrangeiros.

No âmbito da polémica gerada, surge a reacção de Claude Origet du Cluzeau⁵, que fixa um quadro de maturação futura da turismologia sobre uma base de 3 elementos:

1. A lógica que estuda as condições formais da verdade. A turismologia deverá formalizar as suas razões conscientes, os seus resultados adquiridos intuitivamente, as suas livres construções.
2. A metodologia. Um trabalho fundamental a fazer para fundar a turismologia: identificar os métodos, passando pela adopção de uma linguagem comum como etapa decisiva.
3. A epistemologia que trata da aplicação dos métodos sobre o terreno: análises directas, análises formalizantes indexadas a uma lógica do saber e relações entre formalização e experiência. Ou seja, reconhece a necessidade de um trabalho epistemológico prévio à emergência da ciência.

Outra reacção é proveniente do CNRS-GDR⁶, através de um texto redigido por Georges Cazes⁷ (Cazes e tal.

5 - Engenheira-consultora, economista do turismo e da cultura, vice-presidente da Associação Francesa dos *Experts* e Cientistas do Turismo

6 - GDR-CNRS- Agrupamento de Investigação do Centro Nacional de Investigação Científica Francesa

7 - Georges Cazes- Professor de Geografia na Universidade de

2001) no qual, reconhecendo a crise do turismo nos planos científico e profissional, afirma que o turismo é um campo de estudos em construção e que é demasiado prematuro proclamá-lo como ciência; não considera oportuno falar de autonomia científica do turismo, sendo mais conveniente que se afirme no seio das Ciências Sociais, “mães” mais reconhecidas, desenvolvendo uma linha temática claramente definida, susceptível de ser reconhecida, ao explorar métodos e conceitos também reconhecidos.

Bessièrès,⁸ (2004) afirma que a turismologia reduz a especificidade multidisciplinar do turismo a uma especialidade única e, inspirando-se nos investigadores da Universidade do Quebec, propõe o enobrecimento do turismo através do uso da proposição “em” turismo em vez “de” turismo.

O CIFORT,⁹ na voz de dois colaboradores, Boualem Cadri e François Bédard,¹⁰ através de um artigo publicado na revista *Téoros* (2005), afirma que a turismologia ao ter como objecto a viagem deveria levar em conta “o porquê” e não apenas o “como”. A orientação em direcção ao “como” privilegia um paradigma de índole organizacional. A crítica mais importante do Cifort releva o facto de esta questão se ter tratado de um debate científico nacional francês sem ter levado em conta as referências e contribuições científicas norte-americanas. Na verdade, os escritos de Hoerner não fazem referência à construção dos conhecimentos em turismo na América do Norte. Citando Boyer (1999) lembra que os investigadores norte-americanos, no campo do lazer, tiveram sempre uma forte preocupação epistemológica. O Cifort reforça a ideia das necessidades epistemológicas para assegurar a crítica dos paradigmas da investigação.

Paris I e autor de várias obras sobre a temática turística.

8 - Bessièrès- membro da AFEST

9 - CIFORT- Centro Internacional de Formação e Investigação (Recherche) no Turismo da Universidade do Quebec em Montreal.

10 - Boualem Cadri- adjunto de investigação do Cifort e coordenador do departamento de Estudos Urbanos e Turísticos da Escola de Ciências da Gestão da Universidade do Quebec em Montreal.

François Bédard- director do Cifort e professor no mesmo departamento.

Citando Stafford (1988), há 4 paradigmas na pesquisa em turismo:

1. Paradigma nominalista (colheita de dados e de nível descritivo);
2. Paradigma económico-espacial (análise da procura com carácter explicativo);
3. Paradigma culturalista (estudo das relações sociais complexas);
4. Paradigma normativo (orientação para o que deve ser o turismo com um aspecto ideológico).

Só os paradigmas económico-espacial e culturalista comprovam a existência de um processo científico.

No contexto da investigação norte-americana é de sublinhar a relevância da revista *Annals of Tourism Research* da Universidade de Wiconsin-Stout cujas publicações têm como objectivo a construção de conhecimentos em turismo, contribuindo tanto para a investigação teórica como para a investigação aplicada. De realçar que a este propósito a *Revue du Tourisme*, veículo de pesquisa e informação turística da AIEST,¹¹ notória e historicamente existente desde 1941, tem como objectivo contribuir para uma profunda compreensão do turismo como um fenómeno interdisciplinar e fornecer visões para desenvolvimento, ensaios e métodos na investigação do turismo.

Conclusão

O debate suscitado pela proposta de uma “turismologia”, como ciência de síntese, se bem que com alguns aspectos redutores, apresenta contudo a necessidade de se rever as definições em turismo e revela ainda a natureza complexa do fenómeno turístico, situado entre o real e o imaginário. Esta complexidade exige uma abordagem rigorosa no sentido de assegurar-lhe um reconhecimento científico e por conseguinte um reconhecimento social, conduzindo a uma dupla diferenciação: em relação aos conhecimentos de âmbito geral e às outras disciplinas. Por outro lado, a emergência de uma ciência do turismo parece cerceada pela tensão

11 - AIEST- Association International d’Experts Scientifiques du Tourisme, com sede em Berna.

existente entre ela e as outras disciplinas do âmbito social.

Cada uma das disciplinas ligadas ao turismo tenta aprofundar as bases de uma teoria constituída sobre a oferta ou a procura ou sobre o facto de transferir para este os seus modos de abordagem ou ainda de fornecer conceitos muitas vezes ultrapassados, provenientes das ciências do lazer.

Assim, o termo “turismologia”, embora corresponda etimologicamente ao “discurso” sobre o turismo, veicula uma imagem científica, mas algo pretenciosa. Evoca um campo único do saber, quando, na verdade, a sua especificidade é de natureza multidisciplinar, no cruzamento das ciências económicas e das ciências humanas e sociais.

Bibliografia

BARRETO, Margarita (1995), *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Editora Papirus. Campinas.

BESSIÈRES, Jacques (2005), *Non à la tourismologie; oui à l'Enoblement du tourisme*. Disponível em: <http://www.afest.org/article356.html>. Consultado a 8 Dez 2008.

BULLON, Roberto (1990), *Planificación del Espacio Turístico Roberto*. Editorial Trillas. México.

BUNGE, Mario (1972), *La Ciencia, su método y su filosofía*. Editorial Siglo XX, Buenos Aires.

HOERNER, Jean-Michel et al. (2003), *The Science of Tourism*. Collection “Homo Touristicus”. Editeur Balzac. Baixas.

KADRI, Boualem et al. (2005), “*Vers une Science du Tourisme?*”. Revue Teoros. Étè 2005. Disponível em: <http://www.cifort.uqam.ca/documents/fr.cifortscience>. Consultado a 26 Dez 2008.

MIRANDA, Simão (2007), *Metodologia Científica: os caminhos do saber*. Disponível em: [http://www.simaodemiranda.com.br/files/Pesquisa e Método.doc](http://www.simaodemiranda.com.br/files/Pesquisa%20e%20Método.doc). Consultado a 8 Dez 2008.

SANTOS, João dos, Turismo: *Ciência ou Técnica*. Revista de Turismo. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/cienciatecnica.html>. Consultado a 26 Dez 2008.

GDR-CNRS (2001), *À propos de tourismologie, la science par autoproclamation*. Rêvue Espaces, n°178. Disponível em: <http://www.revue-espaces.com/librairie/1230/tourismologie-sociologie-science-sciences.html>. Consultado a 10 Dez 2008.